

A ALIENAÇÃO, A ANOMIA E A JAULA DE FERRO NO MUNDO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO FILME “O DIABO VESTE PRADA” EM DIÁLOGO COM MARX, DURKHEIM E WEBER

Marco Aurelio Reich Favarin Filho¹

1 Introdução

O mundo do trabalho contemporâneo, especialmente nos setores de moda e comunicação, revela contradições profundas: glamour aparente versus sofrimento real. O filme *O Diabo Veste Prada* (FRANKEL, 2006) ilustra de forma didática essas contradições ao acompanhar a trajetória de Andrea Sachs (Andy), uma jovem jornalista que ingressa na revista de moda *Runway*, comandada pela implacável Miranda Priestly.

Este artigo propõe analisar o mundo do trabalho retratado no filme dialogando com os três grandes clássicos estudados em sala: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. O objetivo geral é demonstrar como o filme materializa conceitos centrais desses autores sobre alienação, anomia e racionalização burocrática. A metodologia consiste em análise fílmica qualitativa articulada à revisão bibliográfica dos clássicos.

2 Desenvolvimento

2.1 A alienação do trabalho segundo Karl Marx

Para Marx, o trabalho no capitalismo aliena o trabalhador de quatro formas: do produto, do processo de trabalho, da sua essência humana (ser genérico) e dos outros homens (MARX, 2004). No filme, Andy vive essa alienação de forma cristalina. Ela não controla o produto do seu trabalho (as roupas e a revista são fetiches distantes dela); o processo é imposto por Miranda (tarefas absurdas 24 horas por dia); perde sua humanidade (abandona namorado, amigos e valores pessoais) e se afasta das relações sociais.

¹Aluno do 1o Técnico em Produção em Áudio e Vídeo – Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina Fundamentos do Trabalho, sob orientação da professora Eliana Maria dos Santos

A cena em que Andy entrega o livro de Harry Potter para Miranda no meio da noite ou corre desesperada pelas ruas de Nova York exemplifica a alienação total: o trabalho deixa de ser realização humana e torna-se mera sobrevivência e submissão. Como destaca Nicoletta (2025), o filme mostra o trabalhador reduzido a “mero instrumento de produção”, exatamente como Marx descreveu no século XIX, mas agora no universo “glamouroso” da moda.

2.2 Anomia e divisão do trabalho em Émile Durkheim

Durkheim analisa a divisão do trabalho como fonte de solidariedade orgânica na sociedade moderna, mas alerta que, quando patológica ou forçada, gera **anomia** – ausência de normas reguladoras que desintegra o indivíduo (DURKHEIM, 2010).

No universo de *Runway*, a divisão do trabalho é extremamente especializada (assistente, editora de moda, estilista, etc.), criando interdependência (solidariedade orgânica). Porém, essa divisão é forçada e desregulada: não há limites de horário, descanso ou vida pessoal. Andy sofre anomia clara – perde o sentido do trabalho e da própria existência, entrando em crise existencial. A pressão por “ser a melhor assistente” sem regras claras de justiça ou reconhecimento gera o vazio moral típico da anomia durkheimiana. O filme mostra que, mesmo em um ambiente de alta interdependência, o excesso de competição e ausência de regulação normativa leva ao colapso individual.

2.3 Racionalização, burocracia e jaula de ferro em Max Weber

Weber descreve o processo de racionalização do mundo moderno como inevitável, mas que aprisiona o indivíduo na “jaula de ferro” da burocracia (WEBER, 2004; 1999). A revista *Runway* é o exemplo perfeito de organização burocrática weberiana: hierarquia rígida, divisão de funções, impessoalidade, regras formais e racionalidade instrumental. Miranda Priestly encarna a autoridade racional-legal máxima – suas decisões são indiscutíveis, independentemente de humanidade.

Andy entra na “jaula de ferro”: perde a liberdade individual em nome da eficiência e do status. Weber afirmava que a racionalização desencanta o

mundo; no filme, o “desencantamento” aparece quando Andy percebe que o glamour da moda é apenas uma engrenagem racionalizada de exploração. Como bem observado em análises recentes, “a racionalização do trabalho leva à perda da liberdade individual” (NICOLELLA, 2025), exatamente o que acontece com Andy ao longo do filme.

2.4 Diálogo entre Marx, Durkheim e Weber a partir do filme

Os três autores não se contradizem, mas se complementam na análise do filme. Marx revela a exploração e a alienação de classe (Andy é explorada para gerar lucro e status para Miranda). Durkheim mostra o problema de integração social (anomia gerada pela divisão do trabalho desregulada). Weber explica a forma organizacional (burocracia racional que vira prisão).

Juntos, eles demonstram que o trabalho no capitalismo tardio, mesmo no setor criativo e “glamouroso”, continua reproduzindo as mesmas patologias diagnosticadas no século XIX-XX: alienação, anomia e desencantamento. O final do filme – Andy jogando o celular no chafariz e voltando a seus valores – representa a tentativa de fuga dessa jaula, mas também mostra como o sistema é quase inescapável.

3 Considerações finais

O filme *O Diabo Veste Prada* não é apenas uma comédia romântica; é um documento sociológico poderoso sobre o mundo do trabalho contemporâneo. Ao dialogar com Marx, Durkheim e Weber, fica evidente que os problemas do trabalho – alienação, falta de regulação normativa e racionalização excessiva – permanecem atuais, inclusive nos ambientes “criativos” e de luxo.

Os clássicos da sociologia continuam fundamentais para compreender o burnout, o assédio moral e a precarização emocional que vemos hoje no home office, nas startups e na indústria da moda. Como disse Weber, vivemos dentro de uma jaula de ferro; o filme apenas coloriu as barras com Prada.

Referências

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANKEL, David. O diabo veste Prada. Direção: David Frankel. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2006. 1 DVD (109 min).

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

NICOLELLA, E. P. As condições de trabalho no filme O Diabo Veste Prada: uma visão das teorias de Karl Marx e Max Weber. Paideia-CEP, v. 1, 2025.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.